

NUVENS DE TEMPESTADE SE ACUMULAM NO MAR NEGRO

Por M. K. Bhadrakumar*



O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, com o presidente americano Joe Biden, o secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, e líderes ocidentais na Cúpula da OTAN em Vilnius, 11 de julho de 2023 (BBC).

Sem controlar Odessa, a OTAN não pode projetar força no Mar Negro, e sem dominar o Mar Negro não pode avançar em direção à Transcaucásia, Mar Cáspio e Ásia Central; pelas mesmas razões, a Rússia também não pode ceder a região do Mar Negro à OTAN.

A Cúpula da OTAN em Vilnius (de 11 a 12 de julho) sinalizou que não há absolutamente nenhuma possibilidade de negociações para resolver a guerra na Ucrânia em um futuro previsível. A guerra só se intensificará, pois, os EUA e seus aliados ainda esperam infligir uma derrota militar à Rússia, embora isso esteja claramente além de sua capacidade.

Em 14 de julho, o general Mark Milley, presidente do Estado-Maior Conjunto dos EUA, disse que a contraofensiva da Ucrânia está “longe de ser um fracasso”, mas a luta pela frente será “longa” e “sangrenta”. Milley tem a reputação de falar o que a Casa Branca quer ouvir, independentemente de seu julgamento profissional.

De fato, em 19 de julho, o governo Biden [anunciou assistência de segurança adicional](#) de cerca de US\$ 1,3 bilhão para a Ucrânia. O Pentágono disse em comunicado que o anúncio “representa o início de um processo de contratação para fornecer capacidades prioritárias adicionais à Ucrânia”. Ou seja, os EUA usarão fundos em seu programa Iniciativa de Assistência à Segurança na Ucrânia, que permite ao governo comprar armas da indústria em vez de retirar dos estoques de armas dos EUA.

De acordo com o Pentágono, o pacote mais recente inclui quatro Sistemas Nacionais Avançados de Mísseis Superfície-Ar (NASAMS, *National Advanced Surface-to-Air Missile Systems*) e munições; cartuchos de artilharia de 155 mm; equipamentos de limpeza de minas; e drones.

Enquanto isso, em um desenvolvimento ameaçador, assim que a Rússia deixou o acordo de grãos negociado pela ONU expirar em 17 de julho, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, revelou que havia enviado cartas oficiais ao secretário-geral da ONU, António Guterres, e ao presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, sugerindo continuar o acordo de grãos sem a participação da Rússia.

No dia seguinte, Kiev enviou uma carta oficial à Organização Marítima Internacional da ONU, [especificando um novo corredor marítimo](#) passando pelas águas territoriais e zona econômica exclusiva da Romênia na parte noroeste do Mar Negro.

Evidentemente, Kiev agiu em conjunto com a Romênia (um país membro da OTAN onde a 101ª Divisão Aerotransportada do exército dos EUA está implantada). Presumivelmente, os EUA e a OTAN estão no circuito enquanto o *imprimatur* da ONU está sendo organizado. Escusado será dizer que a OTAN já está trabalhando em uma nova rota marítima no Mar Negro há algum tempo.

Este é um desenvolvimento sério, pois parece um precursor do envolvimento da OTAN de alguma forma para desafiar o domínio da Rússia no Mar Negro. De fato, o Comunicado da Cúpula de Vilnius da OTAN (11 de julho) previu que a aliança está se preparando para uma presença amplamente reforçada na região do Mar Negro, que tem sido historicamente uma reserva russa, onde possui importantes bases militares.

O parágrafo relevante no Comunicado da OTAN disse: “A região do Mar Negro é de importância estratégica para a Aliança. Isso é ainda mais **destacado pela guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia**. Sublinhamos nosso apoio contínuo aos esforços regionais dos Aliados destinados a defender a segurança, a estabilidade e a **liberdade de navegação na região do Mar Negro**, inclusive, conforme apropriado, **por meio da Convenção de Montreux de 1936**. Continuaremos monitorando e avaliando os desenvolvimentos na região e **aprimorando nossa consciência situacional**, com foco particular nas ameaças à nossa segurança e oportunidades potenciais para uma **cooperação mais estreita com nossos parceiros na região**, conforme apropriado.” [Ênfase adicionada.]

Quatro coisas precisam ser observadas:

- Um, o conflito na Ucrânia foi apontado como o contexto; o foco está na Crimeia;
- Dois, “liberdade de navegação” significa uma presença naval americana assertiva; a referência à Convenção de Montreux de 1936 insinuou o papel da Turquia, tanto como país membro da OTAN quanto guardião dos estreitos de Dardanelos e do Bósforo;

- Três, a OTAN sinaliza sua intenção de aumentar sua “consciência situacional”, que, como termo militar, envolve quatro estágios: observação, orientação, decisão e ação. A consciência situacional tem dois elementos principais, a saber, o próprio conhecimento da situação e, em segundo lugar, o conhecimento do que os outros estão fazendo e poderiam fazer se a situação mudasse de certas maneiras. Simplificando, a vigilância da OTAN sobre as atividades russas no Mar Negro se intensificará; e,
- Quarto, a OTAN busca uma cooperação mais estreita com “nossos parceiros na região” (leia-se Ucrânia).

Certamente, uma nova rota marítima nas regiões noroeste e oeste do Mar Negro ao longo da Romênia, Bulgária e Turquia (todos países membros da OTAN) cortará a guarnição russa na Transnístria (Moldava) e aumentará a capacidade de Kiev de atacar a Crimeia. O envolvimento da OTAN também complicaria quaisquer futuras operações russas para libertar Odessa, que é historicamente uma cidade russa.

Além do enorme legado de cultura e história, Odessa é uma cabeça de porto para os produtos industriais da Rússia e da Ucrânia. O gasoduto de amônia Togliatti-Odessa (que sabotadores ucranianos explodiram recentemente) é um dos melhores exemplos. Com 2.471 km, o gasoduto de amônia mais longo do mundo, conecta o maior produtor mundial de amônia, Togliatti-Azot, na região de Samara, na Rússia, ao porto de Odessa.

Em termos estratégicos, sem o controle sobre Odessa, a OTAN não pode ter projeção de força na região do Mar Negro ou esperar ressuscitar a Ucrânia como posto avançado anti-Rússia. A OTAN também não pode avançar em direção à Transcaucásia e ao Mar Cáspio (na fronteira com o Irã) e à Ásia Central sem dominar a região do Mar Negro.

E pelas mesmas razões, a Rússia também não pode ceder a região do Mar Negro à OTAN. Odessa é um elo vital em qualquer ponte terrestre ao longo da costa do Mar Negro conectando o interior da Rússia com sua guarnição na Transnístria, Moldávia, que os EUA estão de olho como um potencial membro da OTAN (o ataque à ponte Kerch em outubro de 2022 foi encenado em Odessa).

Claramente, todo o projeto dos EUA na nova rota marítima destina-se a impedir que a Rússia obtenha o controle de Odessa. Isso leva em consideração a forte probabilidade de que, com a ofensiva ucraniana se debatendo, a Rússia possa em breve lançar sua contraofensiva na direção de Odessa.

Do ponto de vista russo, isso se torna um momento existencial. A OTAN praticamente cercou a Marinha Russa no Mar do Norte e no Mar Báltico (com a introdução da Suécia e da Finlândia como membros). A liberdade de navegação da Frota do Báltico e o domínio no Mar Negro, portanto, tornam-se ainda mais cruciais para a Rússia ter acesso livre ao mercado mundial durante todo o ano.

Moscou reagiu fortemente. Em 19 de julho, [o Ministério da Defesa russo notificou](#) que “todos os navios que navegam nas águas do Mar Negro para os portos ucranianos serão considerados potenciais transportadores de carga militar.

Consequentemente, os países de tais embarcações serão considerados envolvidos no conflito ucraniano ao lado do regime de Kiev”.

A Rússia notificou ainda que “as partes noroeste e sudeste das águas internacionais do Mar Negro foram declaradas temporariamente perigosas para a navegação”. Os últimos relatórios sugerem que a frota de navios de guerra do Mar Negro está ensaiando o procedimento para abordar navios estrangeiros que navegam para águas ucranianas. Com efeito, a Rússia está impondo um bloqueio marítimo à Ucrânia.

Em entrevista ao *Izvestia*, o especialista militar russo Vasily Dandykin disse que agora espera que a Rússia pare e inspecione todos os navios que navegam para os portos ucranianos. “Essa prática é normal: há uma zona de guerra lá e, nos últimos dois dias, foi palco de ataques de mísseis. Vamos ver como isso vai funcionar na prática e se haverá alguém disposto a enviar embarcações para essas águas, porque isso é muito grave.”

A Casa Branca acusou a Rússia de colocar minas para bloquear portos ucranianos. Claro, Washington espera que a OTAN se movimentando como fiadora do corredor de grãos, substituindo a Rússia, tenha ressonância no Sul Global. A propaganda ocidental caricatura a Rússia como criadora de escassez de alimentos globalmente. Enquanto que, de fato, é o Ocidente que não manteve sua parte do acordo recíproco para permitir a exportação de trigo e fertilizantes russos, como foi reconhecido pela ONU e pela Turquia.

O que resta saber é se, além da furiosa guerra de informações, algum país da OTAN ousaria desafiar o bloqueio marítimo da Rússia. As chances são mínimas, apesar da assustadora [implantação da 101ª Divisão Aerotransportada](#) na vizinha Romênia.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
